Research, Society and Development, v. 12, n. 6, e1312641814, 2023
(CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i6.41814

Automedicação entre universitários da área de saúde

Self-medication among university students in the area of the health

Automedicación entre estudiantes universitarios en el campo de la salud

Recebido: 11/05/2023 | Revisado: 25/05/2023 | Aceitado: 27/05/2023 | Publicado: 01/06/2023

Sara Christina Willmann
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7792-141X
Centro Universitário de Formiga, Brasil
E-mail: willmannsarac@outlook.com
Danielle Ribeiro de Souza
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-0415-5718
Centro Universitário de Formiga, Brasil
E-mail: danielleribeirodesouza3@gmail.com
José Carlos Leal
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3409-3896
Centro Universitário de Formiga, Brasil
E-mail: leal.educacaofisica@gmail.com
Luciana Soares Rodrigues
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2965-2593
Centro Universitário de Formiga, Brasil
E-mail: lusoarero@yahoo.com.br
Polliana Lúcio Lacerda Pinheiro
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4554-5982
Centro Universitário de Formiga, Brasil
E-mail: pollianallacerda@gmail.com
Rayane Mendonça Lino
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4958-871X
Centro Universitário de Formiga, Brasil
E-mail: rayane_390@hotmail.com
Tamires Carolina Silva
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2980-8973
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil
E-mail: ta.csilva@hotmail.com

Resumo
Este estudo teve como objetivo analisar a prevalência de automedicação entre acadêmicos da área de saúde em uma instituição de ensino superior. Trata-se de um estudo transversal, cuja amostra incluiu 585 estudantes dos cursos de Enfermagem, Estética, Fisioterapia, Educação Física, Biomedicina e Medicina Veterinária. Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado. Para cada uma das respostas foram apresentadas a frequência bruta, as estimativas de prevalência e suas devidas proporções (%). Para analisar as diferenças nas prevalências segundo a automedicação no último ano, foram estimadas as razões de prevalência. Do total, 543 (92,8%) participantes já praticaram automedicação em algum momento ao longo de suas vidas e a maioria destes não seguiu as recomendações da bula. A classe medicamentosa mais utilizada foi a dos anti-inflamatórios; em relação aos problemas de saúde mais frequentes prevaleceram as gripes/resfriados. Os motivos que mais induziram à automedicação foram a praticidade e comodidade; em relação aos maiores influenciadores dessa prática evidenciaram-se familiares, vizinhos e amigos. O curso de enfermagem teve maior prevalência de automedicação. Quanto aos períodos no curso, os veteranos foram os que mais praticaram quando comparados aos calouros. Conclui-se que a automedicação nos acadêmicos da área da saúde deveria ser menos frequente já que estes durante a sua formação possuem na matriz curricular disciplinas que ampliam seus conhecimentos e demonstram os riscos sobre essa prática. Faz-se necessário abordar ao longo da graduação medidas educativas relacionadas ao assunto.
Palavras-chave: Automedicação; Saúde; Estudantes.

Abstract
This study aimed to analyze the prevalence of self-medication among academics in the health area of a higher education institution. This is a cross-sectional study, whose sample included 585 students of the courses of Nursing, Aesthetic, Physiotherapy, Physical Education, Biomedicine and Veterinary Medicine. Data were collected through a semi-structured questionnaire. For each of the responses, the raw frequency, prevalence estimates, and their appropriate proportions (%) were presented. To analyze the differences in prevalence according to self-medication in the last year, prevalence ratios were estimated. Of the total, 543 (92.8%) participants had already practiced self-medication at some point in their lives and most of these did not follow the instructions on the package insert. The

most used class of drugs was anti-inflammatory; In relation to the most frequent health problems, the flu/cold predominated. The reasons that most induced self-medication were practicality and convenience; In relation to the main influencers of this practice, relatives, neighbors and friends were evident. The nursing course had a higher prevalence of self-medication. In terms of course periods, seniors practiced the most compared to freshmen. It is concluded that self-medication in academics in the health area should be less frequent since during their training they have disciplines in their curriculum matrix that increase their knowledge and demonstrate the risks of this practice. It is necessary to address educational measures related to the subject throughout graduation.
Keywords: Self-medication; Health; Students.

Resumen
Este estudio tuvo como objetivo analizar la prevalencia de automedicación entre académicos del área de salud de una institución de enseñanza superior. Se trata de un estudio transversal, cuya muestra incluyó 585 estudiantes de los cursos de Enfermería, Estética, Fisioterapia, Educación Física, Biomedicina y Medicina Veterinaria. Los datos fueron recolectados a través de un cuestionario semiestructurado. Para cada una de las respuestas, se presentaron la frecuencia bruta, las estimaciones de prevalencia y sus proporciones apropiadas (%). Para analizar las diferencias de prevalencia según la automedicación en el último año se estimaron razones de prevalencia. Del total, 543 (92,8%) participantes ya habían practicado la automedicación en algún momento de su vida y la mayoría de ellos no seguían las recomendaciones del prospecto. La clase de fármacos más utilizada fue la antiinflamatoria; en relación a los problemas de salud más frecuentes predominó la gripe/resfriado. Los motivos que más indujeron la automedicación fueron la practicidad y la conveniencia; en relación a los principales influenciadores de esta práctica, se evidenciaron familiares, vecinos y amigos. El curso de enfermería tuvo mayor prevalencia de automedicación. En cuanto a los períodos del curso, los estudiantes de último año fueron los que más practicaron en comparación con los estudiantes de primer año. Se concluye que la automedicación en académicos del área de la salud debe ser menos frecuente ya que durante su formación cuentan en su plan de estúdios con disciplinas que amplían sus conocimientos y evidencian los riesgos de esta práctica. Es necesario abordar medidas educativas en relación con el tema a lo largo de la graduación.
Palabras clave: Automedicación; Salud; Estudiantes.

1. Introdução

Desde tempos remotos**,** a humanidade tem buscado recursos terapêuticos com a finalidade de tratar suas enfermidades. Para aliviar sintomas e desconfortos, a princípio os indivíduos recorriam ao uso de plantas medicinais, posteriormente passaram a usar os medicamentos fabricados pelas indústrias farmacêuticas (Silva & Alvim, 2020). Em decorrência da industrialização e aumento das vendas de medicamentos, que pode ser apontado um *proxy* do consumo, consequentemente surgiu as anomalias derivadas deles, como a automedicação (Melo *et al.*, 2021).

Nota-se que a automedicação pode ser conceituada como o uso de medicamentos sem a prescrição médica, em que o próprio doente ou seu responsável decide qual será utilizado com objetivo de amenizar ou tratar sintomas ou doenças. Essa prática engloba todos os tipos de medicamentos, sejam os de venda livre ou os que requerem prescrição médica (Xavier & Silva, 2021a; Pismel *et al.*, 2021).

A automedicação está bastante difundida na sociedade, de forma que até mesmo medicamentos que necessitam de prescrição médica, como por exemplo os antibióticos e antidepressivos, eventualmente são obtidos pelos indivíduos sem prescrição. O hábito de se automedicar pode estar relacionado ao anseio do doente em amenizar ou eliminar seus sintomas de forma imediata, já que uma consulta médica demandaria tempo e eventuais recursos financeiros que dificultariam a resolução rápida de seus problemas (Príncipe *et al.*, 2020).

A automedicação é considerada como um problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde. No Brasil, cerca de 50% das pessoas praticam automedicação (Brasil, 2019), além disto, são responsáveis por mais de 30% das intoxicações no país (Brasil, 2017). As pessoas pensam somente nos benefícios do uso dos fármacos, desconsiderando que os medicamentos podem apresentar contraindicações e efeitos adversos, quando utilizados de forma indiscriminada, pode trazer diversos agravos à saúde (Bohomol & Andrade, 2020).

Os estudantes universitários frequentemente desenvolvem durante a vida acadêmica, sentimentos de desapontamento, irritabilidade, preocupação e impaciência. Estes sentimentos são provocados pelo cotidiano acadêmico, com constante situações de sobrecarga de estudos, vida desregrada, desgastante, distância de familiares, elevada carga horária de estudo e

imposição do alto nível de cobrança, tanto da sociedade, da instituição de ensino, quanto consigo mesmo, levando-os a se automedicarem (Mota *et al.*, 2021).

Nota-se que apesar da automedicação frequentemente ser compreendida como uma forma de autocuidado, esta prática pode provocar consequências negativas à saúde física e mental, como intoxicação, superdosagem, reações alérgicas, dependência, resistência bacteriana, entre outras. Diante da recorrente prática da automedicação entre os acadêmicos de diferentes áreas, principalmente entre os universitários dos cursos da saúde, em função do maior conhecimento que eles possuem (Lima *et al.*, 2021), torna-se essencial o conhecimento quanto a prevalência do uso destas medicações no meio acadêmico (Souza *et al.*, 2020) e com estudantes da área da saúde. Além disto, a avaliação do consumo de medicamentos sem prescrição em uma determinada população auxilia e define o tipo de intervenção que deve ser realizada (Moreira *et al.*, 2020). Desta forma, este estudo teve como objetivo analisar a prevalência de automedicação entre acadêmicos da área de saúde em uma instituição de ensino superior.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, que investigou a prevalência de automedicação entre acadêmicos da área de saúde de uma universidade particular, no estado de Minas Gerais. A população do presente estudo é composta por graduandos da área de saúde, dos cursos de Enfermagem, Estética, Fisioterapia, Educação Física, Biomedicina e Medicina Veterinária.

A amostra inicial foi constituída por 660 acadêmicos, foram excluídos 75 questionários pelos seguintes motivos: 32 questionários apresentavam respostas incoerentes, onde a resposta de uma questão contradizia a de outra, 36 apresentavam respostas em branco e sete participantes marcaram mais de uma alternativa em questões que não era permitido esta opção. A amostra final totalizou 585 universitários.

Os critérios de inclusão do presente estudo foram estudantes dos cursos de graduação da área da saúde, maiores de 18 anos, de ambos os sexos, regularmente matriculados na instituição, presentes em aula no período da coleta de dados, que concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responder ao questionário. Foram excluídos estudantes de cursos de licenciatura ou que não eram da área da saúde, que não concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aqueles que recusaram a responder ou responder de maneira incorreta o questionário, ou seja, deixando-o em branco ou com letra ilegível.

A coleta dos dados foi realizada entre os meses fevereiro e abril de 2019, mediante a aplicação de um questionário semiestruturado em salas de aula, no período matutino e noturno. Todos os participantes foram informados previamente de como seria realizada a coleta de dados e foram esclarecidas as dúvidas a qualquer tempo. Após serem respondidos, os questionários foram recolhidos pelos pesquisadores.

A elaboração do questionário baseou-se em estudos (Borges, 2013; Xavier *et al.*, 2021b) que foram realizados anteriormente. O questionário utilizado foi composto por 15 questões, sendo nove fechadas, uma aberta e cinco semiabertas. Nas primeiras cinco perguntas foram coletados dados pessoais dos participantes como idade, sexo, curso, período atual e renda familiar. As demais perguntas relacionam-se a prática de automedicação, indicando quanto à prática de automedicar-se nos últimos 12 meses, se os acadêmicos seguiram orientações da bula, as classes medicamentosas utilizadas, problemas de saúde que acreditavam possuir, motivação e influência que os levaram à prática e quanto à ocorrência de possíveis reações adversas.

Nos quesitos relacionados ao fato de terem seguido ou não a bula, ao tempo de automedicação, bem como quanto à ocorrência de possíveis intoxicações e reações adversas foram considerados os *missings*, ou seja, valores faltantes. Nas questões referentes às classes medicamentosas, aos problemas de saúde que os participantes acreditavam possuir, aos motivos que os levaram a prática de automedicação e as influências que os impeliram a se automedicarem havia a opção da escolha de várias alternativas.

Para cada uma das respostas foram apresentadas a frequência bruta, as estimativas de prevalência e suas devidas proporções (%). Os resultados foram calculados por sexo (Masculino e Feminino), curso em que os alunos estavam matriculados (Enfermagem, Biomedicina, Medicina Veterinária, Fisioterapia, Educação Física e Estética) e período que cursavam (Primeiro, Terceiro, Quinto, Sétimo e Nono).

Os tipos de medicamentos utilizados, tratamentos realizados a partir da automedicação e a idade dos participantes foram dicotomizados pela mediana, a fim de fornecer as informações de frequência e proporções. Para analisar as diferenças nas prevalências, segundo a automedicação no último ano, foram estimadas as razões de prevalência (RP), ajustadas pelo curso, período, sexo, renda familiar e idade. Para as análises foi utilizado o software SPSS versão 17.0. Utilizou-se o índice de significância de 95% para as análises realizadas.

O estudo foi aprovado sob o Parecer 3.033.983, pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Formiga. Todos os participantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A fim de garantir o anonimato dos participantes, os instrumentos de coleta de dados foram identificados por códigos numéricos.

3. Resultados

A amostra, como apresentada na Tabela 1, traz as características em relação ao sexo, curso e período dos entrevistados.

Tabela 1 – Caracteristica dos participantes em relação ao sexo, curso e período, 2019.

Variável	Frequência	Percentual
Sexo		
Feminino	449	76,8%
Masculino	136	23,2%
Curso		
Medicina Veterinária	150	25,6%
Estética	108	18,5%
Biomedicina	107	18,3%
Fisioterapia	97	16,6%
Educação Física	72	12,3%
Enfermagem	51	8,7%
Período do Curso		
1º Período	210	36,0%
3º Período	107	18,3%
5º Período	119	20,3%
7º Período	95	16,2%
9º Período	54	9,2%

Fonte: Elaboração própria.

Do total de 585 participantes, 449 (76,8%) eram do sexo feminino. Em relação aos cursos, a maioria eram de Medicina Veterinária, sendo estes 150 (25,6%). Quando ao período que cursavam evidenciou-se que 210 (36,0%) dos participantes eram do 1º período.

Na Tabela 2 encontra-se o número de participantes que praticaram automedicação ao longo da vida e nos últimos 12 meses, bem como se seguiram as recomendações da bula e o tempo que durou a prática de automedicação.

Tabela 2 – Frequência de participantes que praticam ou não automedicação ao longo da vida e no último ano, se seguem ou não a bula e tempo de uso, 2019.

Variável	Frequência	Percentual
Automedicação alguma vez na vida		
Sim	543	92,8%
Não	42	7,2%
Automedicação no último ano		
Sim	478	81,7%
Não	107	18,3%
Na automedicação, seguiu a bula		
Sim	225	38,4%
Não	253	43,3%
Missing	107	18,3%
Tempo de Automedicação		
3 a 5 dias	206	35,2%
1 dia	118	20,2%
2 dias	77	13,2%
Mais de 5 dias	60	10,2%
Ainda está usando atualmente	17	2,9%
Missing	107	18,3%

Fonte: Elaboração própria.

Dos participantes 543 (92,8%) praticaram automedicação em algum momento ao longo de sua vida e 478 (81,7%) praticaram automedicação nos últimos 12 meses. A maioria dos acadêmicos não seguiram as recomendações da bula, sendo estes 253 (43,3%). Quanto ao tempo em que permaneceram na prática de automedicação 206 (35,2%) dos participantes utilizaram de 3 a 5 dias.

São apresentadas na Tabela 3 as classes medicamentosas utilizadas, tratamentos, motivos, influências que levaram à automedicação, episódios de intoxicação e reações adversas descritas pelos voluntários.

Tabela 3 – Síntese das classes medicamentosas utilizadas, tratamentos, motivadores da automedicação, episodio de intoxicação e reações adversas, 2019.

Variável	Frequência	Percentual
Tipos de Medicamento		
Anti-inflamatórios	493	84,7%
Analgésicos	478	82,1%
Antibióticos	420	72,4%
Xarope*	388	66,8%
Resfriados/Gripe	303	52,2%
Antialérgicos	183	31,5%
Descongestionantes	129	22,2%
Corticoides	43	7,4%
Ansiolíticos	35	6,0%
Antidepressivos	34	5,9%
Gotas Otológicas*	27	4,6%
Antiasmáticos	14	2,4%
Outros Medicamentos	33	5,7%
Número de medicamentos utilizados		
Menos de 5 medicamentos	273	46,6%
Mais de 5 medicamentos	312	53,4%
Tratamentos realizados		
Gripe/Resfriado	511	88,0%
Dor em geral	496	85,4%
Febre	337	58,0%
Dor de Garganta	219	37,7%
Tosse	206	35,5%
Ansiedade	202	34,8%
Alergias	196	33,7%
Dor no estômago	181	31,2%
Sinusite	120	20,7%
Rinite	83	14,3%
Suplementos alimentares	25	4,3%
Depressão	20	3,4%
Outros tratamentos	3	0,5%
Número de tratamentos		
Utilizou para menos de 4 tratamentos	119	20,3%
Utilizou para mais de 4 tratamentos	466	79,7%
Porque utilizou os medicamentos		
Praticidade e comodidade	311	53,5%
Facilidade de compra na farmácia	172	29,6%
Capaz de escolher o medicamento	102	17,6%
Utilizou por falta de dinheiro	9	1,5%
Outros	32	5,5%
Influencia para automedicação		
Familiares, vizinhos e amigos	472	81,2%
Conhecimento próprio	187	32,2%
Prescrição antiga	126	21,7%
Farmacêutico	84	14,5%
Propaganda	37	6,4%
Teve diagnóstico de intoxicação		
Não	470	80,3%
Sim	7	1,2%
Missing	108	18,5%
Teve reação adversa		
Não	463	79,1%
Sim	9	1,5%
Missing	113	19,4%

*Relacionado ao uso de xaropes e gotas otológicas e estudo não identificou qual o princípio ativo utilizado pelo participante. Fonte: Elaboração própria.

Quanto ao tipo de medicamento mais utilizado evidenciou-se que 493 (84,7%) dos participantes utilizaram anti-inflamatórios, 478 (82,1%) analgésicos e 420 (72,4%) antibióticos. Observou-se que 312 (53,4%) utilizaram mais de 5 medicamentos nos últimos 12 meses.

Quanto aos problemas de saúde que os acadêmicos acreditavam ter destacou-se gripe/resfriado por 511 (88,0%) dos participantes, dor em geral por 496 (85,4%), e febre por 337 (58,0%). Quanto ao número de tratamentos observou-se que 466 (79,7%) utilizaram mais de 4 tratamentos.

Os motivos que os fizeram praticar automedicação incluem praticidade e comodidade 311 (53,5%), facilidade de compra na farmácia 173 (29,6%), julgam-se capazes de escolher o medicamento 102 (17,6%), utilizaram por falta de dinheiro 9 (1,5%) e por outros motivos 32 (5,5%).

Quanto a influência que levou à prática da automedicação, a maioria dos estudantes foram influenciados por familiares, vizinhos e amigos 472 (81,2%). A respeito de episódios de intoxicação e reações adversas foram encontrados os seguintes resultados: 470 (80,3%) não relataram intoxicação e 463 (79,1%) relataram não terem apresentado reações adversas.

É apresentado na tabela 4 a associação entre automedicação no último ano e variáveis.

Tabela 4 – Associação entre automedicação no último ano e variáveis, 2019.

	Fez automedicação	Não fez automedicação	RP	IC95%	p-Valor
Sexo					
Feminino	400 (89,1%)	49 (10,9%)	6,07	3,86 a 9,53	0,00
Masculino	78 (57,4%)	58 (42,6%)			
Renda Familiar					
Até R$3400,00	315 (79,9%)	79 (20,1%)	0,93	0,86 a 1,01	0,14
Mais de R$3400,00	163 (85,3%)	28 (14,7%)			
Idade					
Menos de 20 anos	169 (77,5%)	49 (22,5%)	0,64	0,42 a 0,99	0,04
Mais de 20 anos	309 (84,2%)	58 (15,8%)			

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar os sexos que praticaram automedicação, nota-se que as mulheres se automedicam 6,07 vezes mais que os homens.

A Tabela 5 apresenta a associação entre cursos e entre períodos.

Tabela 5 – Associação de automedicação entre cursos e por períodos, 2019.

	Fez automedicação	Não fez automedicação	RP	IC95%	p-Valor
Curso					
Enfermagem	50 (9,2%)	1 (2,2%)	1,0 (Ref.)	--	--
Biomedicina	107 (19,7%)	0 (0,0%)	1,02	0,98 a 1,06	0,14
Medicina Veterinária	136 (25,0%)	14 (30,4%)	0,92	0,86 a 0,98	0,04*
Fisioterapia	93 (17,1%)	4 (8,7%)	0,97	0,92 a 1,03	0,8
Educação Física	52 (9,8%)	20 (43,5%)	0,73	0,63 a 0,85	0,00*
Estética	104 (19,2%)	4 (15,2%)	0,98	0,93 a 1,03	0,9
Período					
9º período	53 (9,8%)	1 (2,2%)	1,0 (Ref.)	--	--
7º período	91 (16,9%)	4 (6,5%)	0,97	0,92 a 1,03	0,7
5º período	110 (20,3%)	9 (19,6%)	0,94	0,88 a 1,01	0,2
3º período	100 (19,0%)	7 (13,0%)	0,95	0,89 a 1,01	0,8
1º período	183 (34,1%)	27 (58,7%)	0,88	0,83 a 0,94	0,03*

Fonte: Elaboração própria.

O curso de enfermagem teve maior prevalência de automedicação, logo, na Tabela 5 ele foi utilizado como referência para comparar os demais cursos. Observa-se que o curso de Medicina veterinária e Educação Física foram os que menos de automedicaram. Para os demais cursos não tiveram associação significativa. Em relação aos períodos dos cursos, notou-se que o primeiro período se automedicou 12% menos que o nono período.

4. Discussão

O uso indiscriminado de medicamentos é um problema de saúde pública a nível mundial (Santos *et al.*, 2022). No que diz respeito à automedicação, existem uma série de fatores que levam a esta prática tão comum, como seguir a orientação de um familiar, utilizar prescrição antiga e ter o medicamento em casa. Este ato pode gerar resistência bacteriana, mascarar graves doenças, provocar intoxicação e até a morte (Xavier *et al.*, 2021a).

Nota-se que a prática de automedicação é muito comum dentre os acadêmicos da área da saúde. A automedicação pode ser considerada como um ato nocivo à saúde, desta forma a prescrição médica é importante durante a aquisição de fármacos, evitando assim que o usuário faça preponderar sua própria vontade e experiência (Brasil, 2022). Neste contexto, faz-se necessário que as instituições de ensino implementem ações de conscientização por meio de atividades educativas voltadas para os graduandos, para que resulte no abandono do uso indiscriminado de medicamentos (Costa *et al.*, 2022).

Ser do sexo feminino mostra-se, neste estudo, como um fator que pode possivelmente contribuir para a prática de automedicação, já que a maior incidência foi desse sexo. Em consonância, um estudo realizado em São Paulo, Brasil, evidenciou um maior número de participantes e consumidores de medicamentos sem prescrição médica no sexo feminino (Bohomol & Andrade, 2020). As mulheres geralmente demostram maior preocupação e cuidado com a saúde. Desta forma, a prática de automedicação pode em parte estar relacionada ao fato de se exporem mais aos fármacos ao longo de todas as fases de sua vida (Lima *et al.*, 2017).

Nota-se que os acadêmicos da área da saúde promovem os cuidados, porém, por vezes, negligenciam a sua própria saúde (Alencar et al., 2022). Em suma, os graduandos da área da saúde tendem a praticar a automedicação mesmo lendo a bula do medicamento, conhecendo sobre os efeitos adversos e o risco de intoxicação medicamentosa (Oliveira et al., 2019).

Em relação ao tempo, foi observado que a maioria dos participantes praticaram automedicação por um período de 3 a 5 dias. Sabe-se que a automedicação por longos períodos traz consigo alguns riscos como o atraso no diagnóstico ou o diagnóstico incorreto de doenças devido ao mascaramento dos sintomas (Bohomol & Andrade, 2020).

Na realidade pesquisada, as três classes medicamentosas mais utilizadas foram anti-inflamatórios, analgésicos e antibióticos (Medeiros; Araújo; Gomez, 2022). Pode-se ressaltar que o percentual da automedicação foi alarmante no que diz respeito aos antibióticos, pois trata-se de uma classe de medicamentos comercializada sob prescrição médica. A utilização difundida dessas substâncias é capaz de levar ao desenvolvimento da resistência bacteriana (Malcher *et al.*, 2022).

Outro fator contribuinte para a prática de automedicação, é a ineficácia da fiscalização das autoridades sanitárias, comumente burlada, já que mesmo sendo legalmente obrigatória a exigência de receita médica para venda de muitos medicamentos. Dados demonstram que a automedicação ainda tem índices elevados no Brasil e no mundo, devido a diversos artifícios utilizados pela população para fraudar este sistema de fiscalização (Brito & Castilho, 2021).

No cenário deste estudo, o uso de ansiolíticos e antidepressivos não foram relatados como as classes mais utilizadas pelos estudantes. Contudo, sabe-se que o consumo de tais medicamentos vem aumentando de forma exponencial no país (Barbi; Carvalho; Luz, 2019).

Pode-se enfatizar que a maioria dos participantes acreditavam ter gripe e/ou resfriado, seguido por dor geral e febre. Em consonância, um estudo realizado em Campina Grande-PB, Brasil, também evidenciou a dor, febre e gripe e/ou resfriado como os principais problemas de saúde que levaram os estudantes a automedicação (Souza *et al.*, 2020).

Nota-se que, ao contrário do esperado, julgar-se capaz de escolher o próprio medicamento não foi o motivo mais relevante para a prática de automedicação. Os principais fatores que influenciam a prática de automedicação pelos estudantes da área da saúde, abrangem a praticidade, a facilidade de compra na farmácia (Silva & Morgano, 2022), as propagandas, as prescrições antigas, amigos e vizinhos (Pismel *et al.*, 2021; Souza *et al.*, 2020; Lima *et al.*, 2022), corroborando com os achados deste estudo.

O uso indiscriminado de medicamentos é exorbitante e rotineiro (Silva, Souza; Aoyama, 2020). Nota-se que mais da metade dos participantes utilizaram mais de cinco classes medicamentosas nos últimos 12 meses. Entre os riscos da prática de automedicação, está a utilização de vários tipos de medicamentos de maneira inapropriada, o que pode acarretar danos à saúde, tal como as intoxicações (Medeiros et al., 2017).

Dos participantes, a maioria fez uso de mais de quatro tratamentos no último ano. Sabe-se que várias doenças apresentam manifestações clinicas semelhantes, e que ao praticar automedicação pode-se mascarar os sintomas de um problema de saúde mais grave (Bohomol & Andrade, 2020; Godinho *et al.*, 2022). Qualquer que seja a patologia de longa ou curta duração, o tratamento deve ser bem entendido pelo paciente, devendo ser seguido rigorosamente até o final, conforme a prescrição médica e orientações recebidas (Brasil, 2019).

No cenário deste estudo, a maioria dos participantes relataram não terem apresentado episódios de intoxicação e reações adversas. Possivelmente pelo fato de confundirem os sintomas de intoxicação com os sintomas da doença. Todavia, qualquer medicamento escolhido de forma errada é capaz de produzir reações adversas, mascarando o quadro clínico de maior gravidade (Fernandes et al., 2022). No Brasil, entre 2010 e 2017, foram notificados 298.976 casos de intoxicação por medicamentos, sendo 17.923 deles registrados por automedicação (Conselho Federal de Farmácia, 2020).

Este estudo apontou que ter mais que 20 anos e estar cursando os últimos períodos da faculdade são fatores que levam à automedicação. Tal achado pode ser explicado pelo fato de que, ao passar dos anos, adquire-se mais experiência, tanto na vida acadêmica, quanto na vivência pessoal e por isso a pessoa se julga capaz de escolher o próprio tratamento (Pismel *et al.*, 2021; Cruz *et al.*, 2019; Porto *et al.*, 2020).

Os resultados deste estudo evidenciam que o curso de Enfermagem foi o que teve maior prevalência de automedicação. Nota-se que os graduandos de enfermagem manuseiam diversos medicamentos durante suas aulas práticas e estágios ao longo do curso, e essas circunstâncias possivelmente podem facilitar o acesso aos fármacos, e o que poderia favorecer a prática da automedicação (Alves *et al.*, 2019).

5. Conclusão

Foi possível inferir que a automedicação nos acadêmicos da área da saúde deveria ser menos frequente, já que estes durante a sua formação possuem na matriz curricular disciplinas sobre farmacologia, ciência também responsável por demonstrar os riscos associados ao uso inadequado de medicamentos, quando não realizada de maneira adequada. Constatou-se que as classes medicamentosas mais utilizadas pelos universitários foram os anti-inflamatórios, analgésicos e antibióticos respectivamente, sendo preocupante o percentual de automedicação dos antibióticos, visto que estes só deveriam ser adquiridos mediante prescrição médica.

Percebeu-se que a automedicação é uma prática habitual entre os acadêmicos da área de saúde, especialmente entre mulheres e em adultos jovens. Outro fator salutar é o uso acentuado da automedicação no final da graduação e a prevalência dessa prática no curso de Enfermagem. Os principais fatores que influenciaram a prática da automedicação foram a praticidade, a comodidade e a influência dos amigos e familiares.

Ressalta-se a necessidade de se desenvolverem estratégias educativas relacionadas ao uso racional de medicamentos, que envolvam os profissionais de saúde, esclarecendo sobre os riscos do uso irracional dos medicamentos, amenizando a prática da automedicação. Assim, sugere-se a realização de novos estudos em outras áreas para fins de comparação e busca de uma intervenção geral que ajude a amenizar esse problema.

Referências

Alencar, A. P. L., Holanda, P. L. & Junior, E. R. O. (2022). O uso de antidepressivos e ansiolíticos por acadêmicos dos cursos da saúde: em uma visão farmacêutica. *Revista Científica Da FacMais*, 9(1): 1-19.

Alves, D. R. F., Abrantes, G. G., Martins, H. K. A., Lima, A.M. C., Ramos, F. F. V. & Santos, A. C. M. (2019). Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. *Rev enferm UFPE online*, 13(1): 363-70. http://dx.doi.org/10.5205/1981-8963-v13i02a2380964p363-370-2019

Barbi, L., Carvalho, L. M. S. & Luz, T. C. B. (2019). Antidepressivos, ansiolíticos, hipnóticos e sedativos: uma análise dos gastos em Minas Gerais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 29(4): 1-19. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312019290407

Bohomol, E. & Andrade, C. M. (2020). Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. *Cienc Cuid Saude*, 19(1): 1-7. http://dx.doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v19i0.48001

Borges, F. S. A. (2013). A automedicação em estudantes universitários da Faculdade de Ceilândia. https://bdm.unb.br/

Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2017). Consumo de medicamentos: informação é o melhor remédio. https://www.crfmg.org.br

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2022). Consumo de medicamentos: um autocuidado perigoso. www.conselho.saude.gov.br

Brasil. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. (2019). Uso de Medicamentos e Medicalização da Vida: recomendações e estratégias. https://bvsms.saude.gov.br

Brito, M. C. & Castilho, C. T. (2021). Perfil da prática da automedicação por estudantes de medicina. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(5): 18862-18875. http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv4n5-032

Conselho Federal de Farmácia. (2020). Estudo aponta perfil de intoxicação medicamentosa por automedicação no Brasil. https://www.cff.org.br

Costa, R. S. L., Galdino, A. C. A., Macedo, G. S., Hernandez, M. T. F. & Lima, A. G. (2022). Practice of self-medication among nursing academics during the COVID-19 pandemic. *J Contemp Nurs*, 11(1): 1-9. http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.2022.e4725

Cruz, E. S., Silva, I., Augusto, V. & Coelho, A. (2019). Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. *Revista Saúde UniToledo*. 3(1): 2-12.

Fernandes, E. W., Silva, G. C. & Marquez, C. O. (2022). A necessidade da prescrição farmacêutica de MIPs e os problemas automedicação. *Scire Salutis*, 12(1): 17-24. http://dx.doi.org/10.6008/CBPC2236-9600.2022.001.0003

Godinho, J. L. P., Magalhães, E. I. S., Santos, A. M., Pinho, J. R. O., Chagas, D. C., Ribeiro, C. C. C, Britto, M. H. S. S. & Britto e Alves, M. T. S. S. (2022). Prevalence of self-medication and associated factors in adolescents aged 18-19 years: the 1997/1998 cohort in São Luís-MA, Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(8): 3341-3353. http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232022278.22722021

Lima, P. A., Costa, R. D., Silva, M. P., Souza Filho, Z. A., Souza, L. P., Fernandes & Gama, A. S. M. (2022). Self-medication among undergraduate students from the countryside of Amazonas. *Acta Paul Enferm*, 35(1): 1-8. http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO000134

Lima, J. M. S., Júnior, C. G. S., Cunha, S. M. R. A. S., Lima, M. I. S. & Nunes, E. M. (2021). A prática da automedicação por universitários. *Research, Society and Development*, 10(8): 1-14. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17594

Lima, D. M., Silva, J. S., Vasconcelos, L. F., Cavalcante, M. G. & Carvalho, A. M. R. (2017). Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza. *Revista Expressão Católica Saúde*, 2(1): 18-22.

Malcher, C. M. S. R., Santos, B. D., Farias, L. R., Ribeiro, E. C., Miranda, L. V. G., Passos, E. S. R., Braga, J. P., Neto, A. M. O., Furtado, M. A. S. & Bastos, G. M. (2022). Automedicação e uso de antibióticos: análise qualitativa em uma comunidade virtual. *Research, Society and Development*, 11(11): 1-10. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33191

Medeiros, L. M., Araújo, B. R. & Gomez, L. F. B. (2022). A automedicação em estudantes de medicina: uma revisão sistemática. *Scientia Naturalis*, 4(2): 685-695. http://dx.doi.org/10.29327/269504.4.2-20

Melo, J. R. R., Duarte, E. C., Moraes, M. V., Fleck, K. & Arrais, P. S. D. (2021). Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. Cad. Saúde Pública, 37(4): 1-5. https://doi.org/10.1590/0102-311X00053221

Moreira, T. A., Alvares-Teodoro, J., Barbosa, M. M., Júnior, A. A. G. & Acurcio, F. A. (2020). Use of medicines by adults in primary care: survey on health services in Minas Gerais, Brazil. *Rev Bras Epidemiol*, 23(1): 1-15. http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720200025

Mota, D. C. B., Silva, Y. V., Costa, T. A. F., Aguiar, M. H. C., Marques, M. E. M. & Monaquezi, R. M. (2021). Mental health and internet use by university students: coping strategies in the context of COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(6): 2159- 2170. http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021266.44142020

Oliveira, A. B., Santos, J. Á. & Lisboa, H. C. F. (2019). Avaliação do conhecimento e conduta dos acadêmicos da área da saúde sobre o uso de medicamentos. *Multitemas*, 24(57): 25–38. http://dx.doi.org/10.20435/multi.v24i57.2065

Pismel, L. S., Montalvão, W. C. R., Silva, A. R., Oliveira, N. P. & Argentino, S. (2021) Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará. *Brazilian Journal of Health Review*, (2): 5034-5050. http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv4n2-082

Porto, T. N. R. S., Rodrigues, T. S., Baldoino, L. S., Santos, E. M. S., Neto, B. P. S., Martins, V. S., Carvalho, D. P., Falcão, C. P. M. & Feitosa, G. T. (2020). Fatores associados à automedicação em estudantes de enfermagem e enfermeiros: revisão integrativa de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(10): 1-11. http://dx.doi.org/10.25248/reas.e4111.2020

Príncipe, F., Oliveira, A., Silva, C., Silva, D., Silva, D. & Silva, T. (2020). Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. *Revista De Investigação & Inovação Em Saúde*, 3(2): 21-28. http://dx.doi.org/10.37914/riis.v3i2.82

Santos, T. M., Zattar, T. A., Alencar, B. T., Aleixo, M. L. M., Costa, B. M. S. & Lemos, L. M. S. (2022). Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 11(2): 1-12. 2022. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.13760

Silva, I. A. & Alvim, H. G. O. (2020). A história dos medicamentos e o uso das fórmulas: a conscientização do uso adequado. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 3(7): 475-488. http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.4276239

Silva, J. P. & Morgano, (2022). F. Discharge of in-disuse medications by Itapetininga population, São Paulo State, Brazil. *Ambient. Soc.*, 1(25): 1-14. http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20210042r2vu2022L4OA

Silva, J. C. S., Souza, F. C. R. & Aoyama, E. A. (2020). A incidência do uso indiscriminado de medicamentos. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 2(1):95-9.

Souza, J. F., Lima, R. M., Batista, J. R. & Mariz, S. R. (2020). Prevalência da prática de automedicação entre estudantes de psicologia: um estudo transversal. *Braz J of Develop*, 6(12): 98105-98116.

Xavier, M. S., Castro, H. N., Souza, L. G. D., Oliveira, Y. S. L., Tafuri, N. F. & Amâncio, N. F. G. (2021a). Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1): 225-240. http://dx.doi.org/10.34117/bjhrv4n1-020

Xavier, C. M. & Silva, R. S. (2021b) Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB - Campus Sosígenes Costa. *Revista Visão Acadêmica*, 21(1): 69-82. http://dx.doi.org/10.5380/acd.v22i1.79474